

Beltrán S., Luis Ramiro (1981) *Adeus a Aristóteles: Comunicação horizontal. En: Comunicação & Sociedade* (Brasil) Año III, no. 6:5-35. Setembro.

COMUNICAÇÃO & SOCIEDADE

Colecc. LR Beltrán
PP-AI-036



COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA CULTURA POPULAR

 **CORTEZ
EDITORIA**

1981
17º
setembro


IMS 

ADEUS A ARISTÓTELES: COMUNICAÇÃO HORIZONTAL *

Luis Ramiro Beltrán

Conceitos sobre a natureza da comunicação, procedentes de países desenvolvidos, começam a ser questionados nos países menos desenvolvidos. Exame das definições mais características da conceitualização tradicional clássica. Críticas antigas e mais recentes, principalmente na América Latina. Tentativa de formulação de bases para um modelo de "comunicação horizontal" capaz de corresponder às relações sociais intranacionais e internacionais.

INTRODUÇÃO

A comunicação internacional era, em grande parte, um território de águas tranquilas. Já não é mais. Converteu-se nesta década em motivo de controvérsia, às vezes bastante quente, como parte de confrontações mais extensas e crescentes entre os países desenvolvidos e os que estão em vias de desenvolvimento. Já havia entre eles visível desencontro. Os países em vias de desenvolvimento já se haviam dado conta muito antes de 1970 de que sua vida política e econômica era dominada pelos países desenvolvidos, não podendo, assim, alcançar o pleno desenvolvimento. A novidade, no entanto, é que essa situação de dependência atingia também a esfera cultural. E, além disso, o reconhecimento de que a comunicação está a serviço das três classes de dominação neocolonialista apareceu definitivamente nesta década.¹

Os países do Terceiro Mundo não lutam hoje em dia apenas para acabar com o colonialismo por meio de tratamento justo no comércio e na ajuda externa. Procuram ao mesmo tempo uma "nova ordem econômica" e uma "nova ordem internacional da infor-

* Tradução de Jaci Correia Maraschin.

1. Luis Ramiro Beltrán S., *Communication between the United States and Latin America: A Case of Cultural Domination*. Paper presented to the World Media Conference, sponsored by The News World New York City, October 19-22, 1978.

mação".² A comunicação começa agora a apoiar-se claramente no terreno do conflito internacional porque os países mais desenvolvidos mostram-se resistentes àqueles esforços.

As manifestações desse conflito ocorrem em diferentes níveis e lugares, principalmente em discussões públicas que, desde a metade da década, adquirem características explosivas. Um bom exemplo foi a conferência intergovernamental sobre políticas nacionais de comunicação na América Latina sob o patrocínio da UNESCO, na Costa Rica, em 1976. Esta reunião aprovou recomendações para se alcançar o equilíbrio no fluxo internacional da informação e dotar a região de uma agência independente de notícias capaz de aliviar, pelo menos, as conseqüências do quase monopólio exercido pela UPI e pela AP. Esta reunião, do começo ao fim, esteve sob o ataque conjunto e virulento das organizações internacionais de comunicação que a consideraram ameaça à liberdade de informação.³ A recente aprovação de uma declaração sobre comunicação internacional,⁴ pela Conferência Geral da UNESCO, também ilustra o conflito. Esta declaração de acordo é produto final da feroz e ruidosa batalha de muitos anos entre aqueles que o consideraram a expressão do propósito de controlar a comunicação de modo totalitário, e os que, bem ao contrário, a entenderam como a expressão da vontade de democratizá-la genuinamente. As reuniões periódicas dos países não alinhados, de um lado, e dos seminários e congressos de associações, como o International Presse Institute, de outro, são exemplos adicionais desses múltiplos setores discordantes.

O conflito envolve várias áreas importantes de preocupação. Os dirigentes políticos, os estrategistas do desenvolvimento, os investigadores e profissionais da comunicação nos países em desenvolvimento estão, por sua vez, objetando as estruturas, operações, financiamentos, ideologia e influência de certas poderosas organizações internacionais da comunicação. Por outro lado, começam a questionar inúmeros conceitos tradicionais de comunicação, nascidos nos países desenvolvidos e já aceitos no resto do mundo.

No primeiro caso, o papel das agências internacionais de notícias, dos exploradores da televisão, do cinema e dos anunciantes

2. Jonathan F. Gunter, "An introduction to a Great Debate", *Journal of Communication*, Vol. 28 (Autumn 1978), pp. 142-155.

3. UNESCO, Conferencia Intergubernamental sobre Políticas de Comunicación en América Latina y el Caribe, San José, Costa Rica, 12-21 Julio; informe final, 1976 (COM/MD/38).

4. UNESCO, General Conference, Twentieth Session, Draft Declaration on Fundamental Principles concerning the Contribution of the Mass Media to Strengthening Peace and International Understanding, the Promotion of Human Rights and to countering Racialism, Apartheid, and Incitement to War; compromise text proposed by the Director-General with a view to consensus, Paris, 1978 (UNESCO 20 C/20 Rev.).

transacionais tem sido condenado como instrumento-chave da dominação externa. No outro caso, os conceitos clássicos de "liberdade de imprensa", "direitos de comunicação" e "fluxo livre de informação", bem como a própria definição-modelo de notícias, são também catalogados como úteis à dominação. Mesmo as influências externas sobre orientação e condução da investigação⁵ e treinamento em comunicação estão sujeitas ao escrutínio crítico.

Finalmente, a própria conceitualização da natureza da comunicação, vinda dos países desenvolvidos, começa a ser questionada agora nos países em vias de desenvolvimento.

Trataremos, aqui, deste último fenômeno. Embora as tentativas de revisão desses conceitos sejam obviamente relevantes para a comunicação dentro das nações, não devemos ignorar a importância decisiva que têm para a comunicação entre elas.

Vamos selecionar, em primeiro lugar, definições de comunicação mais características da conceitualização tradicional ou clássica. Revisaremos, depois, sumariamente as principais críticas, tanto iniciais como recentes, sublinhando nas últimas o que se tem feito na América Latina. Finalmente, depois de rápida visão panorâmica de outras tentativas anteriores comparáveis, procuraremos formular as bases para um modelo de "comunicação horizontal" correspondente às relações sociais intranacionais e internacionais.

Conceitualização tradicional da comunicação

As tentativas de definir comunicação podem remontar a Aristóteles, para quem a "retórica" compunha-se de três elementos: *locutor*, *discurso* e *ouvinte*, percebendo o seu propósito como "a busca de todos os meios possíveis de persuasão". Séculos mais tarde, mesmo depois de tanta gente ter trabalhado no assunto, esta definição clássica parece permanecer nas raízes de quase todas as concepções vigentes.

Lasswell: efeitos dos comunicadores

Na verdade, a definição de Lasswell,⁶ que tem sido a mais amplamente aceita em nossa época, essencialmente acrescentou à

5. Everett M. Rogers, ed., *Communication and Development: Critical Perspective* (London: Sage Publications, 1976).

6. Harold D. Lasswell, "The Structure and Function of Communication in Society", in *The Communication of Ideas*, ed. L. Bryson (New York: Harper and Row, 1948), pp. 37-51.

proposição de Aristóteles dois elementos. Aristóteles identifica o *quem*, o *quê* e o *a quem* da comunicação. Lasswell refinou o esquema estipulando o *como* e tornando explícito o *para quê*, da seguinte maneira:

Uma forma conveniente de descrever o ato da comunicação consiste em responder às questões:

*Quem
diz o quê
por meio de qual canal (meio)
a quem
com que efeito?*

Lasswell afirmava que a comunicação desempenha três funções: *vigilância* do meio ambiente, *correlação* dos componentes da sociedade e *transmissão* cultural entre gerações. Segundo De Fleur,⁷ Lasswell procurou amenizar a influência da teoria mecanicista do estímulo-resposta da psicologia clássica; queria considerar a existência de variáveis contextuais e de situação acentuadas com a intervenção entre F (fonte) e R (receptor) das teorias das “categorias sociais” e das “diferenças individuais”. Seu paradigma básico obteve rápida e ampla aceitação.

Transmissão e influência

Desde Lasswell a noção de *transferência* tem caracterizado muitas conceitualizações de comunicação. É o caso, por exemplo, da definição de Berelson e Steiner,⁸ também amplamente usada:

A transmissão de informação, idéias, emoções, habilidades, etc., pelo uso de símbolos-palavras, quadros, cifras, gráficos, etc. é o *ato* ou *processo* da transmissão do que geralmente se chama comunicação.

Igualmente, a noção de *influência* (por meio da persuasão), enquanto meta central da comunicação, seria incluída em várias definições posteriores, como na de Osgood:⁹

Em sentido mais geral, temos *comunicação* sempre que um sistema, uma fonte, influencia outro, o destinatário, mediante a manipulação de sinais alternados que podem ser transferidos pelo canal que os liga.

7. Melvin L. De Fleur, *Theories of Mass Communication* (New York: David McKay Company, Inc., 1968).

8. Bernard Berelson and Clark Steiner, *Human Behavior* (New York: Harcourt, Brace and World, Inc., 1964), p. 527.

9. Charles E. Osgood, *Some Terms and Associated Measures for Talking About Communication* (Urbana, Illinois: Institute for Communication Research, 1961), p. 48.

Também, continuando com o paradigma de Lasswell, Nixon ¹⁰ sublinhou dois ingredientes do processo: *as intenções do comunicador e as condições sob as quais a mensagem é recebida.*

Da Eletrônica: fontes e receptores

Em seguida, os engenheiros Shannon e Weaver ¹¹ surgiram com a teoria matemática da comunicação, apresentada como segue:

Vamos usar a palavra comunicação num sentido muito amplo, incluindo todos os procedimentos mediante os quais qualquer mente pode afetar outra mente.

Shannon e Weaver ¹² concebem o sistema geral da comunicação como um composto de cinco partes essenciais:

1. A *fonte de informação*, que produz uma ou mais seqüências de mensagens que vão ser comunicadas ao terminal receptor.
2. O *transmissor* que opera sobre a mensagem, produzindo sinais suscetíveis de transmissão pelo canal.
3. O *canal* é apenas o meio utilizado para transmitir o sinal do transmissor ao receptor.
4. O *receptor* realiza ordinariamente uma operação inversa em relação ao transmissor, reconstruindo a mensagem a partir do sinal.
5. O *destinatário* é a pessoa (ou coisa) a quem se dirige a mensagem.

Schramm ¹³ adaptou esse modelo à comunicação humana, construído essencialmente para descrever a comunicação eletromagnética, destacando as funções codificadoras e decodificadoras dos sinais (mensagens) da mente. Definindo a comunicação como *compartir informação, idéias ou atitudes*, e reforçando com diversos termos o princípio aristotélico de que a comunicação requer sempre pelo menos três elementos (*fonte, mensagem e destinatário*), trouxe para o esquema, dando-lhes a devida importância, os componentes *codificador e decodificador*. Dizia Schramm ¹⁴: "Substitua 'microfone' por

10. Raymond Nixon, *Investigaciones sobre Comunicación Colectiva* (Quito; Ediciones CIESPAL, 1963).

11. Claude E. Shannon and Warren Weaver, *The Mathematical Theory of Communication* (Urbana: University of Illinois Press, 1971), p. 4.

12. *Ibid.*, pp. 33-34.

13. Wilbur Schramm, "How Communication Works", in *The Process and Effects of Mass Communication* (Urbana: University of Illinois Press, 1961), pp. 4-26.

14. *Ibid.*, p. 4.

codificador e 'fone de ouvido' por *decodificador* e já estaremos falando a respeito de comunicação eletrônica. Pense que a "fonte" e o "codificador" sejam pessoas, bem como o "decodificador" e o "destinatário", e que o sinal seja a linguagem, e estaremos falando a respeito de comunicação humana".

Berlo¹⁵ também contribuiu de maneira importante para a análise das operações codificador-decodificador na comunicação humana, sugerindo a conveniência de distinguir entre fonte e codificador e entre decodificador e receptor. Além disso, Berlo entendeu a comunicação como um *processo*:¹⁶

Ao aceitarmos o conceito de processo, entendemos que os eventos e as relações são dinâmicos, em marcha, mutáveis, contínuos... como ingredientes dentro de um processo recíproco; uns afetam os outros. A teoria da comunicação reflete o ponto de vista do processo. O teórico da comunicação rejeita a possibilidade de que a natureza consiste de eventos ou ingredientes separáveis de todos os outros fatos. Argumenta que não se pode falar do *começo* ou do *fim* da comunicação ou dizer que uma idéia particular venha de uma fonte específica, ou que a comunicação se produza num só sentido e assim por diante.

Da Cibernética: retroalimentação para controle

A Cibernética acrescentou mais um fator à descrição do processo: *a retroalimentação*. Refere-se aos mecanismos de controle destinados a capacitar organismos a se ajustarem automaticamente às metas de comportamento. São, essencialmente, mecanismos de comunicação. De fato, segundo Wiene,¹⁷ "trata-se do estudo de mensagens e dos efeitos do controle efetivo de mensagens..."

Embora tais conceitos tivessem sido criados basicamente para o campo da engenharia e da psicologia, foram aceitos por muitos teóricos da comunicação humana por serem úteis também ao seu trabalho. Achavam que se as fontes quisessem produzir nos receptores certos efeitos com a mensagem, deveriam receber de volta, dos receptores, reações indicativas quanto à eficácia do esforço persuasivo e, segundo esse resultado, ajustar as mensagens aos alvos. O

15. David K. Berlo, *The Process of Communication* (New York: Holt, Rinehart and Winston, 1960), p. 30.

16. *Ibid.*, p. 24.

17. Norbert Wiener, *The Human Use of Human Beings: Cybernetics and Society* (Boston: Houghton Mifflin Co., 1950).

18. Bruce H. Westley and Malmolm S. MacLean, "A Conceptual Model for Communication Research", *Journalism Quarterly*. Vol. 34 (1957), pp. 31-38.

modelo proposto por Westley e McLean¹⁸ é um bom exemplo dessa assimilação.

O esquema persistente: (*the endurable scheme*) F-M-C-R

Finalmente, o modelo de comunicação humana ou social derivado das conceitualizações concatenadas, estudadas aqui, inclui como fundamentais os seguintes elementos: *fonte-codificador-mensagem-canal-decodificador-receptor-efeito*. Seu objetivo principal é a persuasão: "Quando as pessoas se controlam entre si, fazem-no primordialmente por meio da comunicação".¹⁹

As definições básicas e os esquemas gerais inventariados até agora neste documento penetraram na literatura científica da comunicação, reproduzindo seus elementos-chave em definições mais especializadas. Hovland,²⁰ por exemplo, entendeu a *comunicação interpessoal* como uma situação de interação na qual um indivíduo (comunicador) transmite o estímulo (geralmente símbolos verbais) para modificar a conduta de outros indivíduos (receptores da comunicação) numa situação em que os interlocutores se encontram face a face. A *comunicação de massa* foi concebida semelhantemente, como segue: "Todo ato de comunicação de massa pode ser decomposto em cinco elementos: os *comunicadores*, que transmitem determinada *mensagem* através de um *canal* a uma *audiência*, buscando certo tipo de *efeito*".²¹ De igual modo, a *comunicação não verbal* foi definida como "a transferência de um significado envolvendo representações simbólicas sonoras".²²

Em resumo, a definição tradicional de comunicação descreve-a como ato ou processo de transmissão de mensagens de fontes a receptores através do intercâmbio de símbolos (pertencentes a códigos compartilhados por ambos) por meio de canais transportadores de sinais. Neste paradigma clássico, o alvo principal da comunicação é o propósito do comunicador de afetar, numa certa direção, o comportamento do receptor: deseja produzir certos efeitos sobre a maneira de sentir, pensar e agir do receptor; ou, em outras palavras, persuadi-lo. A retroalimentação é um útil instrumento para o alcance das metas do comunicador.

19. Alfred B. Smith, *Communication and Culture* (New York; Holt, Rinehart, and Winston, 1966).

20. C. I. Hovland, "Social Communication", *Proceedings of the American Philosophical Society*. Vol. 92 (1948), pp. 371-375.

21. Reed H. Blake and Edwin O. Haroldsen, *A Taxonomy of Concepts in Communication* (New York: Hastings House, 1975).

22. *Ibid.*, p. 43.

PRIMEIRAS CRÍTICAS ÀS CONCEITUALIZAÇÕES TRADICIONAIS

Definições são produtos de reflexões sobre a experiência que, por sua vez, até certo ponto, orientam a prática. Basicamente, as definições tradicionais da comunicação e seu paradigma clássico resultaram de experiências em comunicação nos Estados Unidos da América e na Europa Ocidental. O modelo projeta-se para trás, sobre a prática subsequente da comunicação (produção, ensino, pesquisa, etc.) não apenas naqueles países mas em quase todo o resto do mundo. Seu impacto foi muito forte sobre as atividades de treinamento e pesquisa em comunicação, começadas há cerca de quarenta anos. Textos e mais textos de estudo, relatórios de pesquisas após relatórios de pesquisas, especialmente entre 1950 e 1970, carregaram a marca desse paradigma.

Ausência de transmissão, ausência de ato

Entretanto, o padrão não permaneceu longe da crítica por muito tempo, muito embora sua influência tenha demonstrado ser tão forte e penetrante a ponto de ainda hoje sobreviver. A partir de posturas diferentes, alguns pouco precursores começaram a levantar algumas objeções. Toch e MacLean estavam entre estes, mas o conhecedor do tema que articulou e propagou uma das primeiras grandes críticas foi David K. Berlo, diretor do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Michigan. Berlo²³ argumentou o que denominou teoria do “balde” em comunicação:

Este ponto de vista supõe que os significados encontram-se nas palavras ou em outros símbolos e que a comunicação consiste na transmissão de idéias de um indivíduo para outro, por meio do uso de símbolos. Essa atitude pode ser caracterizada como o processo de verter as idéias, a partir de uma fonte, para um “balde” — tal como um filme, uma conferência, um livro, um programa de televisão, seja o que for —, levando o recipiente até o receptor para esvaziar o conteúdo do “balde” sobre sua cabeça... A posição da comunicação é que os significados não se encontram nos símbolos empregados, mas nas pessoas que produzem e recebem tais símbolos. Não há significados corretos para cada símbolo. O que há são os significados que as pessoas têm. Igualmente, não se vê a comunicação como transmissão de idéias ou de informações através do uso que chamamos de mensagens-meios. Considera-se a comunicação, antes, como a seleção e a transmissão de símbolos *que têm a probabilidade de provocar no receptor o significado desejado.*

23. David K. Berlo, *Communication Theory and Audiovisual Instruction*, Keynote Address to the National Convention of the Department of Audiovisual Instruction, National Education Association, Denver, April 23, 1963.

Dois pressupostos básicos da definição tradicional são questionados. De um lado, a noção mecânica da transmissão do conhecimento de uma mente para outra por meio de sinais conduzidos por algum canal é substituída pela idéia de que os símbolos são meros estímulos provocados pela fonte sobre o receptor, com a esperança de que poderão levá-lo a recuperar, a partir de sua experiência os significados aí implícitos e assim, provavelmente, obter dele as respostas comportamentais pretendidas. De certa forma, essa teoria pressupunha um papel não passivo da parte do receptor. E assim, de outro lado, a reformulação continha uma relação de interação em vez de conceber a ação apenas na fonte ou emissor do estímulo. As raízes dessa posição provêm da proposta de Berlo, que via a comunicação como um processo. Além disso, ao se perceber a comunicação como interativa e processo, o conceito de retroalimentação tinha que ganhar em relevância. Sua bidirecionalidade adquiriu importância em forma conceptual. Mais tarde, alguns dos mais notáveis dirigentes acadêmicos da profissão compartilharam esse reconhecimento, como se pode verificar na seguinte afirmação de Daniel Lerner: ²⁴

Temos estudado comunicação como uma operação linear na qual um remetente emprega certo canal para entregar sua mensagem a um receptor (ou audiência) que, por sua vez, é afetada de certa forma por essa mensagem. . . Hoje, até mesmo profissionais sóbrios como nós, reconhecemos que a interação e a retroalimentação bidirecionais são conceitos essenciais em nossa idéia sobre a comunicação e seu futuro.

Ao se referir aos modelos tradicionais de comunicação, o próprio Wilbur Schramm ²⁵ admitiu: "Todos eles estão construídos sobre a idéia de algo que se transmite de um remetente a um receptor. Perguntarei se esta deixou de ser a forma mais frutífera de se ver a comunicação". E ao examinar os modelos um pouco mais orientados para a sociedade, acrescentou: "Seu elemento essencial não é algo que passa do remetente ao receptor, como a bola de basquete do *pitcher* ao *catcher* (talvez com algo entre eles para representar o ruído), mas, antes, uma *relação*".

A emenda parcial do conceito de transmissão, assim como o corolário de seu processo de interação, evidentemente não sofreram

24. Daniel Lerner, in *World Communication, Population Communication, Communication Technology, Communication in the Future*, eds. Jim Richard and L. S. Harms (Honolulu: Speech-Communication Association, 1973).

25. Wilbur Schramm, *Toward a General Theory of Human Communication*, palestra apresentada na Universidade do Texas. Lecture presented at the University of Texas.

resistência em nível conceptual. Na realidade, muitos conhecedores do assunto mostraram-se simpáticos a essas idéias, como se pode ver, por exemplo, na definição de Gerbner²⁶ da comunicação enquanto interação social através do intercâmbio de mensagens que envolvem participação cultural. Os modelos desenvolvidos por Newcomb²⁷, Westley-MacLean, e Schramm dão ênfase à audiência como componente ativo do processo; tão ativo, de fato, que acabou sendo chamado de "obstinado".

A prática atraiçoa a teoria

Em nível operacional, entretanto, os conceitos estabelecidos tinham — e ainda têm — aplicação insignificante na prática diária. O treinamento em comunicação ainda parece basear-se em grande parte, na noção de transmissão. E na pesquisa, muitos — como por exemplo Brooks e Scheidel³⁰, Smith³¹ e Arundae³² — observam que grande parte dos estudos realizados ainda consideram a comunicação um fenômeno estático, enquanto que a comunidade acadêmica se volta para a idéia de processo. Por outro lado, Bauer demonstrou que a pesquisa em comunicação limitava-se ao paradigma da transmissão. E Kumata³³ explicou que a adesão a velhos conceitos e métodos acabou produzindo uma pesquisa unidimensional em comunicação, incapaz de enfrentar as realidades sociais complexas e dinâmicas.

Do mesmo modo, ainda que o discurso profissional reconheça amplamente a natureza bidirecional da comunicação, na prática o que predomina é o paradigma tradicional unilinear R-M-C-R.

Katz e Lazarsfeld³⁴ demonstraram que o "efeito epidérmico"

-
26. George Gerbner, "Content Analysis and Critical Research in Mass Communication", *AV Communications Review*, Vol. 6 (Spring 1958), pp. 85-108.
 27. T. M. Newcomb, "An Approach to the Study of Communicative Acts", *Psychological Review*, Vol. 60 (1953), pp. 393-404.
 28. Wilbur Schramm, *Men, Messages, and Media: A Look at Human Communication* (New York: Harper and Row, 1973).
 29. R. Bauer, "The Obstinate Audience", *American Psychologist*, Vol. 19 (1964), pp. 319-328.
 30. Robert D. Brooks and Thomas M. Scheidel, "Speech as Process: A Case Study", *SM*, Vol. 35 (March 1968).
 31. David H. Smith, "Communication Research and the Idea of Process", *Speech Monographs*, Vol. 39 (1972), pp. 174-182.
 32. R. B. Arundale, *The Concept of Process in Human Communication Research*, Ph. D. Dissertation, Michigan State University, 1971.
 33. H. Kumata, in *World Communication...* n. 24.
 34. E. Katz and P. Lazarsfeld, *Personal Influence: The Part Played by People in the Flow of Mass Communications* (New York: Free Press, 1955).

dos meios de comunicação de massa sobre o indivíduo isolado na "multidão solitária" era, de fato, mediado por grupos de referência e por "influentes" em forma de fluxo de dois níveis. A partir daí começou-se a dar atenção a considerações do campo da interação social. Entretanto, "...o que descreveram como interação entre o receptor e sua rede de comunicação social em geral não passa de um modelo unilateral" (Harms e Richstad³⁵). De fato, como observa Coleman³⁶, os pesquisadores em comunicação puseram demasiada ênfase sobre o indivíduo como objeto de análise, deixando de lado as *relações* entre as fontes e os receptores. A grande influência da psicologia social sobre a pesquisa em comunicação fez surgir, mais tarde, outro conjunto de oportunidades para conceber a comunicação como se estivesse afetada pela estrutura que a contém. Foi o que também fez a pesquisa concomitante que se baseia no popularíssimo modelo da difusão das inovações. No entanto, sobre o primeiro Zires de Janka³⁷ observou que "... a estrutura básica do esquema não foi alterada nem questionada". Sobre o último, vários críticos observam que, apesar da atenção dada a algumas variáveis sócio-culturais, falhou em captar a influência determinante que as estruturas sociais arcaicas exercem sobre a comunicação (Cuéllar e Gutierrez³⁸). Aceitando esses e outros inconvenientes, Rogers³⁹ defendeu energicamente a metodologia de pesquisa que, como a análise das redes, canaliza as *relações*.

A pesquisa não é a única área de atividade onde o modelo tradicional se mostra persistente. A prática da comunicação internacional constitui exemplo eloqüente de como também em nível de ações a comunicação se apresenta essencialmente em direção unilinear, tanto nos países desenvolvidos como nos subdesenvolvidos. Como se tem constatado amplamente, as agências de notícias transnacionais norte-americanas e as firmas publicitárias controlam a grande maioria dos respectivos negócios quase em todo o mundo. E

35. L. S. Harms and Jim Richstad, *An Interchange Model of Communication*, Honolulu: no date, p. 10.

36. J. S. Coleman, "Relational Analysis: A study of Social Organization with Survey Methods," *Human Organization*, Vol. 17 (1958), pp. 28-36.

37. M. Zires de Janka, *Mass Communication in the Context of Development with special reference to Latin America*. Research Paper for Diploma in International and National Development. The Hague: Netherlands Institute of Social Studies, 1973, p. 6.

38. G. D. Cuéllar and J. Gutierrez, *Análisis de la Investigación y de la Aplicación de Difusionismo*. Documento presentado em la Segunda Reunión Anual de Comunicadores Rureles, Cali: 1971.

39. Everett M. Rogers, "Where We Are in Understanding Diffusion of Innovations", in *Communication and Change in Developing Countries: Ten Years After*, eds. Wilbur Schramm and Daniel Lerner (Honolulu: Universit of Hawai/East-West Center Pres, 1975).

o que se costumava proclamar há anos como “livre fluxo da comunicação” nada mais era do que mero fluxo unidirecional, não propriamente livre, especialmente em vista do uso que a propaganda faz das notícias e anúncios destinados a manipular a opinião pública. 40, 41, 42

Informação e comunicação não são a mesma coisa

Outra linha de crítica enfocou a confusão entre informação e comunicação, resultante, também, dos esquemas tradicionais. Um analista argentino assim argumentou:

Comunicação não é ato, mas processo pelo qual o indivíduo entra em cooperação mental com outro até que ambos alcancem uma consciência comum... Informação, pelo contrário, é qualquer transcrição unilateral da mensagem de um emissor a um receptor... A irradiação de mensagens sem retorno de diálogo, proveniente de informantes centralizados, não pode ser identificada com a co-atividade intra-subjetiva característica da comunicação.⁴³

Da mesma forma, o peruano Rafael Roncagliolo,⁴⁴ conhecedor do assunto, sustém que “...estamos presenciando uma redução da comunicação humana — conceito que envolve reciprocidade — em favor da informação e da disseminação, isto é, de todas as formas modernas de imposição dos transmissores sobre os receptores, que continuamos erradamente a chamar de comunicação de massa”.

Os estudiosos europeus concordam o seguinte:

-
40. Armand Mattelart, “Criticas a la ‘Communication Research’”, in *Cuadernos de la Realidad Nacional*, edición especial (1970), pp. 11-22.
 41. Juan Somavia, “The Transnational Power Structure and International Information: Elements of a Third World Policy for Transnational News Agencies,” *Development Dialogue*, N.º 2 (1976), pp. 15-28.
 42. Fernando Reyes Matta, “The Information Bedazzlement of Latin America: A Study of World News in the Region”, *Development Dialogue*, N.º 2 (1976), pp. 29-42.
 43. Ricardo C. Nosedá, “Definición y Deslinde Conceptual de la Comunicación”. Documento presentado a la IX Asamblea y Congreso de la Asociación Internacional de Investigación en Comunicación de Masas, Buenos Aires: 1972, pp. 6-8.
 44. Rafael Roncagliolo, “Communication: Social Change and the Need for a New Conceptual Framework”. Document prepared to be presented to the Seminar on International Communications and Third World Participation: A Conceptual and Practical Framework, Amsterdam; September 5-8, 1977, p. 1.

Comunicar refere-se a um processo bilateral que contém elementos emocionais e cognitivos e que ocorre tanto em forma verbal como não verbal. De outro lado, informar refere-se a um processo de comunicação verbal dirigido predominantemente pelo conhecimento. ⁴⁵

O analista dos direitos da comunicação, Jean D'Arcy, ⁴⁶ prediz o seguinte: "Chegará o dia em que a Declaração Universal dos Direitos Humanos terá de abarcar um direito mais amplo que o direito do homem a informação, inicialmente estabelecido (1948) no artigo 19. Será o direito à comunicação".

A crítica estudada até aqui pode ser resumida da seguinte maneira: (1) As definições e modelos tradicionais são unilineares e propõem a noção mecânica da comunicação como a transmissão de informação de fontes ativas a receptores passivos. De fato, não há transmissão; há apenas provocação de significados já existentes nas pessoas que, ao decodificarem os símbolos, participam ativamente. (2) Esses modelos baseiam-se, além disso, na noção errônea de que a comunicação é um ato, um fenômeno estático no qual a fonte é a privilegiada; a comunicação é, na verdade, um processo no qual todos os elementos atuam de forma dinâmica. Assim, a comunicação é eminentemente um fato de relações sociais, um fenômeno de intercâmbio múltiplo de experiências, e não mero exercício unilateral de influência individual. (3) Os modelos, finalmente, induzem à confusão entre informação, que pode ser transferida mediante ato unilateral, e comunicação, diferente e mais ampla do que informação, uma vez que sua natureza bilateral envolve necessariamente interação que busca comunidade de significados ou de consciência.

CRÍTICAS RECENTES: PREOCUPAÇÕES DIVERSAS

A maioria das críticas às definições e modelos tradicionais da comunicação afluíram dentro da mesma sociedade que as gerou: Estados Unidos da América. Compreende-se, então, que tais críticas incluam aspectos de interesse para aquela sociedade excluindo outros que não são de sua preocupação. Entre os elementos excluídos está a persuasão. Com raras exceções, as objeções à persuasão como motivação central da comunicação não surgiram nos Estados Uni-

45. Kjell Nowak, Karl Erik Rosengren, and Bengt Sigurd, "Communication Privilege and the Realization of Human Values", in *Communication, Social Organization, Human Resources* (MIKS Project) (Stockholm: Committee for Future Oriented Research, 1977), p. 1.

46. Jean D'Arcy, *Direct Broadcast Satellites and the Right to Communicate*, *EBU Review*, 118 (1969).

dos.⁴⁷ A manipulação do comportamento das pessoas por meio da comunicação pareceu natural e legítima naquele país. Já em 1957, Merton⁴⁸ havia perguntado: “Como podemos analisar a propaganda, o cinema, o rádio e a imprensa de tal maneira que distingamos aquilo que pode *produzir determinados efeitos?*” (o grifo é do autor). Muitos procuraram respostas.

A pergunta-chave que tem dominado a pesquisa e o desenvolvimento da teoria contemporânea no estudo dos meios de comunicação pode ser resumida a estes termos simples: *qual tem sido o seu efeito?*... A persuasão é apenas um dos possíveis efeitos, sobre a qual recai grande quantidade de atenção. Tem-se pensado que a mensagem efetivamente persuasiva é aquela com propriedades que a tornam capaz de alterar o funcionamento psicológico do indivíduo de tal maneira que este responderá francamente (em favor do item que é o objeto da persuasão) da maneira desejada ou sugerida pelo comunicador.⁴⁹

Por outro lado, quando se prestou atenção às variáveis sócio-culturais que afetam a conduta da comunicação, esta parecia estar principalmente motivada pelos persuasores, os quais sabiam que o indivíduo não seria eficazmente influenciado se fosse retirado do contexto social. Basicamente, o desafio converteu-se, então, em como usar o meio ambiente da sociedade para a obtenção de respostas da audiência enquadradas nos objetivos dos comunicadores, ou como fazer com que o indivíduo cumprisse normas e valores próprios de sua estrutura social.

As considerações éticas sobre a natureza e as conseqüências dos fins do comunicador e de suas manipulações e, paralelamente, sobre se tem ou não direito ilimitado ao exercer a persuasão, raras vezes apareceram no cenário norte-americano. Apareceram em outros lugares.

Evidentemente, o paradigma clássico levava os pesquisadores a concentrar seus estudos sobre a possibilidade do sucesso da persuasão nos receptores, como indivíduos e como membros de grupos sociais, até o ponto de poder contribuir para o controle de sua conduta. “Se de vez em quando se prestou atenção a algum outro aspecto dos meios de comunicação, como por exemplo a natureza do comunicador, a estrutura do conteúdo ou a natureza da audiência, a finalidade última era ver como as variações nestes fatores influenciavam

47. David K. Berlo, “Given Development, What Role for Communication?” Document presented to the National Advertising Council, Mexico City, 1969, p. 14.

48. R. K. Merton, “The Sociology of Knowledge of Mass Communications”. in *Social Theory and Social Structure*, ed. R. K. Merton (Glencoe; Free Press, 1957).

49. M. DeFleur, n. 7, pp. 118-123.

tipos de respostas resultantes da exposição aos meios de comunicação.”⁵⁰ Não nos surpreende que a pesquisa sobre a fonte não tenha recebido a devida atenção.^{51,52}

Persuasão, instrumento do *status quo*

O paradigma clássico também levou os pesquisadores a se debruçarem sobre as funções da comunicação de massa na sociedade, que Lazarsfeld e Merton⁵³, Wright⁵⁴ e outros haviam desenvolvido além das proposições básicas de Lasswell.

Enquanto a *orientação dos efeitos* buscava descobrir o que fazem os meios de comunicação às pessoas, a *orientação das funções* queria desvendar o que fazem os meios de comunicação pelas pessoas.

Foi na América Latina que surgiram pela primeira vez objeções a essas duas orientações. Armand Mattelart⁵⁵ argumentava, em 1970:

O estudo dos efeitos indica a natureza terapêutica e operativa desta sociologia cujo propósito é melhorar as relações entre uma determinada audiência e a firma comercial que emite mensagens. . . A análise das funções indica a preocupação desta sociologia com a motivação do receptor. . . Agora, se buscarmos o ponto comum existente entre estas observações, veremos que nenhuma das duas é concebida sem que o pesquisador endosse implicitamente o sistema social existente.

O analista explica sua avaliação do funcionalismo como orientação em prol do *status quo* ao indicar “. . .o fato de que o indicador de uma ruptura com o sistema (disfunção) nunca seja considerado em sua perspectiva ou aspecto transformativo. . . a disfunção não é jamais explicitamente vista como o fundamento de um outro sistema”.⁵⁶

50. *Ibid.*, p. 118.

51. Hugo Assman, *Evaluación de Algunos Estudios Latinoamericanos sobre Comunicación Masiva*, con especial referencia a los escritos de Armand Mattelart. Documento presentado al Congreso Latinoamericano de Sociología, San Jose, Costa Rica: 1973.

52. James D. Halloran, *Mass Media and Society: The Challenge of Research* (Leicester; Leicester University Press, 1974).

53. Paul Lazarsfeld and Robert Merton, “Mass Communication, Popular Taste, and Organized Social Action”, in *The Communication of Ideas*, ed. L. Bryson, (New York: Harper, 1948).

54. Charles R. Wright, *Mass Communication: A Sociological Perspective* (New York: Random House, 1959).

55. Armand Mattelart, n. 40, pp. 11-22.

56. *Ibid.*, p. 19.

Facilitação de mercantilismo e propaganda

A presença da tendência conservadora nas operações persuasivas pode não constituir preocupação fundamental a sociedades como a dos Estados Unidos da América. Mas é motivo de séria preocupação para sociedades como as da América Latina, especialmente no que concerne à comunicação internacional. Por isso, naturalmente, vários países da América Latina compartilharam entre si as primeiras críticas levantadas contra o paradigma tradicional, como, por exemplo, a sua visão "mecanicista". Entretanto, entendem que o reconhecimento do fato de ser a comunicação um processo não anula necessariamente sua filiação autoritária.⁵⁷ Preocupam-se, também, muito mais do que os Estados Unidos, com certos objetivos da comunicação persuasiva, pois, através de longa experiência, os latino-americanos sabem que esse tipo de comunicação tem sido instrumento de *mercantilismo*, *propaganda* e *alienação*. Sabem ainda que tem sido usada tanto na dominação externa dos Estados Unidos como na que se exerce internamente em todos os países da região pelas elites de poder sobre as massas.

Os analistas latino-americanos lembram que os fundadores das ciências da comunicação consideraram a propaganda necessária, a ponto de Lasswell imaginá-la "o martelo e a bigorna da solidariedade social".⁵⁸ Sabiam que a Segunda Guerra Mundial dera origem à teoria da comunicação de massa, bem como à pesquisa e a prática nesse campo.⁵⁹ E tiveram razão para acreditar que o paradigma tradicional servia adequadamente aos fins buscados pelos Estados Unidos e Europa Ocidental do após-guerra no que tange à expansão econômica, política e cultural de tipo imperialista, destinada a manter países como os da América Latina em situação de subdesenvolvimento bem semelhante à dos tempos coloniais.⁶⁰

Tais preocupações tinham como fundamento a evidência do controle quase monopolístico das notícias internacionais, da publicidade e do material de cinema e televisão, por parte dos Estados Unidos, bem como dos correspondentes investimentos e políticas

57. Frank Gerace, *Comunicación Horizontal* (Lima: Librería Studium, 1973).

58. Harold D. Lasswell, *Propaganda Technique in the World War* (New York: Alfred A. Knopf, 1927), pp. 220-221.

59. Luis Ramiro Beltrán S., "Alien Premises, Objects, and Methods in Latin American Communication Research", in *Communication and Development: Critical Perspectives*, ed. Everett M. Rogers (London: Sage Publications, 1976), pp. 15-42.

60. James D. Cockroft, André Gunder Frank, and Dale Johnson, *Dependence and Underdevelopment: Latin America's Political Economy* (Garden City: Anchor Books/Doubleday, 1972).

desse país no exterior.⁶¹ Os analistas também se manifestaram alarmados quando pesquisas do Congresso Americano revelaram que, além das atividades de propaganda franca da U.S.I.A., operavam atividades subterrâneas do governo dos Estados Unidos de comunicação dentro e sobre a América Latina, não só para desacreditar, mas também para fazer cair alguns governos latino-americanos orientados para mudanças e legitimamente constituídos.⁶²

Observaram, também, que todas essas operações eram exemplos de uma prática de comunicação análoga à transmissão unilinear antidemocrática e à mentalidade de persuasão.

Por outro lado, os latino-americanos não celebram a retoralimentação como se entende no paradigma clássico. Consideram que ela expressa um privilégio de fontes que permitem aos receptores respostas às iniciativas dos que controlam os meios de comunicação. Além disso, acentuam que a retroalimentação é usada exclusivamente para assegurar que a mensagem se ajusta ao receptor de tal modo que este a entenda e cumpra as exigências do comunicador.^{63, 64}

Alienação: a imposição de uma ideologia

Os latino-americanos são enfáticos a respeito das influências alienantes da comunicação de massa. A pesquisa documentou amplamente a enorme influência da orientação, conteúdo e financiamento norte-americano sobre os meios de comunicação de massa da região. Vários estudos descobriram a inculcação de uma série de valores estrangeiros e de normas voltadas à promoção de todo "um modo de vida": a ideologia capitalista. Este processo ocorre em quase todos os meios de comunicação mas se mostra mais pronunciadamente na televisão, nas revistas especializadas (incluindo

61. Luis Ramiro Beltrán S. and Elizabeth Fox de Cardona, "Flaws in the Free Flow of Information", in Conference on Fair Communication Policy for the International Exchange of Information, Communication Report, ed. Jim Richstad, Honolulu: East-West Communication Institute, East-West Center, 1977, pp. 85-127.

62. Bernardo A. Carvalho, *The CIA and the Press*, Freedom of Information Center Report N.º 382 (Columbia: University of Missouri School of Journalism, 1977).

63. Richard L. Johannesen, "The Emerging Concept of Communication as Dialogue". *The Quarterly Journal of Speech*, Vol. 15 (December 1971), pp. 373-382.

64. Luis Ramiro Beltrán S., "Rural Development and Social Communication: Relationships and Strategies", in Cornell-CIAT International Symposium on Communication Strategies for Rural Development, Cali, Columbia: March 17-22, 1974; proceedings (Ithaca, N. Y.: Cornell University, 1974), pp. 11-27.

estórias em quadrinhos), na propaganda transacional em geral e nas notícias estrangeiras.⁶⁵

Ao se preocuparem com as conseqüências desse conteúdo nos meios de comunicação, os latino-americanos levantam objeções, também, a certas conceitualizações não tradicionais de comunicação, como as de Marshall McLuhan.⁶⁶ Antonio Parquali⁶⁷, filósofo venezuelano e pesquisador em comunicação, recusa, por exemplo, considerando-o conservador, o postulado de que “o meio é a mensagem”. Esta objeção não foi feita para negar que a presença em todos os lugares dos meios de comunicação de massa deva por si mesma exercer influência sobre as pessoas. Quer prevenir, isso sim, que essa afirmação conformista jogue um véu sobre a realidade do impacto das mensagens nocivas de que são portadores os meios de comunicação de massa. Esse ponto de vista é compartilhado por outros latino-americanos, como Díaz Bordenave⁶⁸: “Apesar do que Marshall McLuhan possa argumentar, o conteúdo dos meios de comunicação social é apropriado ao desenvolvimento das pessoas e, portanto, ao desenvolvimento nacional”. Os latino-americanos não estão tão certos de que o mundo se converteu numa “aldeia global” principalmente porque milhões deles não têm acesso algum a qualquer meio de comunicação de massa. E, se a magia da eletrônica está, de fato, aproximando a humanidade, temem que a “aldeia” esteja mais do que nunca na história, manobrada pela minoria poderosa.

Por outro lado, não só os latino-americanos suspeitam de que McLuhan, com toda a sua aterradora originalidade, não esteja na verdade muito longe da mentalidade clássica conservadora na qual — como já indicou Finkelstein⁶⁹ — ele pode ser considerado o mais importante porta-voz do *Establishment*.

Comunicação vertical

“Não podemos conceber o exercício de poder pelo indivíduo A sobre o indivíduo B sem alguma comunicação entre A e B”.⁷⁰

65. Luis Ramiro Beltrán S., “TV Etchings in the Minds of Latin Americans: Conservatism, Materialism, and Conformism”. *Gazette*, Vol. 24 (1978), pp. 61-85.

66. Marshall McLuhan, *Understanding Media: The Extensions of Man* (New York: McGraw-Hill, 1964).

67. Antonio Pasquali, *Comunicación y Cultura de Masas* (Caracas: Monte Avila, 1972).

68. Juan Díaz Bordenave, *Comunicación y Desarrollo*, Barquisimeto, Septiembre 8-9, 1974, p. 2.

69. Sidney Finkelstein, *Sense and Nonsense of McLuhan* (New York: International Publishers, 1969).

70. Richard R. Fagen, *Politics and Communication* (Boston: Little, Brown, 1966), p. 5.

A América Latina é o exemplo mais claro da veracidade de tal afirmação. Uma verdadeira minoria de sua população exerce poder sobre a vasta maioria assegurando para si dominação total. Para conseguí-lo, as elites da oligarquia recorrem aos meios de comunicação de massa como instrumento para manter inalterável a situação. O uso da comunicação se faz, em geral, em forma tão antidemocrática que chega a se chamar de "comunicação vertical", segundo Pascuali, Freire e Gerace. E o que acontece entre as classes sociais, em todos os países da América Latina, também se passa entre eles — uma sociedade dependente — e os Estados Unidos da América, seu dominador externo. Em ambos os casos, os poderosos dominam os sem poder, com a ajuda da comunicação.

A situação enquadra-se perfeitamente na linearidade do sistema clássico que, como sugere a seguinte observação, não favorece a conduta democrática na comunicação:

O que ocorre seguidamente sob o nome de comunicação é pouco mais do que um monólogo dominante em benefício do iniciador do processo. A retroalimentação não é empregada para proporcionar a oportunidade de diálogo autêntico. O receptor das mensagens é passivo e está submetido, uma vez que quase nunca se lhe dá a oportunidade adequada para atuar também como verdadeiro e livre emissor; seu papel consiste em escutar e obedecer.

Tão vertical, assimétrica e quase-autoritária relação social constitui, no meu modo de ver, uma forma antidemocrática de comunicação... devemos... ser capazes de construir um novo conceito de comunicação — um modelo humanizado, não-elitista, democrático e não-mercantilizado.⁷¹

Muitos na América Latina concordam com essa afirmação. Gerace⁷² considera urgente o surgimento de outras teorias da comunicação mais de acordo com esta região e com o Terceiro Mundo em geral. Um profissional paraguaio assim se expressa.

Devemos superar nosso impulso mental de perceber nossa própria realidade através de conceitos e ideologias estrangeiros e aprender a olhar para a comunicação... a partir de nova perspectiva.⁷³

71. L. R. Beltrán S., n. 64, pp. 14-15.

72. F. Gerace, n. 57, p. 25.

73. Juan Diaz Bordenave, "Communication and Adoption of Agricultural Innovations in Latin America", in Cornell-CIAT International Symposium on Communication Strategies for Rural Development, Cali., Columbia: March 17-22, 1974; proceedings (Ithaca, N. Y.: Cornell University, 1974) p. 208.

A PERSPECTIVA DE FREIRE: UM PONTO DE PARTIDA

Abriu-se uma grande porta numa avenida fértil de novas perspectivas na primeira parte da década de 1960, por um professor brasileiro católico, Paulo Freire. Sua compreensão da educação como instrumento de libertação para as massas da opressão das elites trouxe-se o exílio de seu país na metade da década. Desde então, escrevendo inicialmente do Chile e depois de Genebra, presenciou o alastramento de suas idéias e a prática das mesmas até na África. Embora tenha concentrado o seu pensamento em princípios e métodos de educação novos a nível de grupos e de maneira especial em contextos rurais, suas propostas tiveram, especialmente na América Latina, significativo impacto sobre a teoria da comunicação em geral, incluindo a correspondente aos formatos dos meios de comunicação de massa.

Educação para a opressão

Freire⁷⁴ encetou uma grande crítica à educação tradicional como instrumento de dominação cultural das maiorias pelas elites conservadoras. Assim como Berlo chamara o esquema da transmissão tradicional em comunicação de “teoria do balde”, Freire chamou de “educação bancária” a pedagogia clássica. Os “banqueiros” (professores) representam os “ricos” em conhecimento (os membros das elites do poder que monopolizam a informação ao lado de tudo o mais que possa ter valor na sociedade), que lançam “depósitos” nas mentes dos “pobres” (ignorantes), os estudantes, que são os recipientes passivos da “riqueza” assim transmitida. Os “depósitos” contêm o conjunto de normas, mitos e valores dos opressores da humanidade. Se os oprimidos aprendem bem a lição, podem esperar subir dentro das estruturas sócio-econômicas, políticas e culturais presididas pelos opressores. Isto é, podem “cobrar” algum dia os “depósitos” de bens materiais que os “banqueiros” estariam dispostos a lhes conceder paternalisticamente, como recompensa por se terem adaptado a sua ideologia sem transtornar a ordem estabelecida. Assim procedendo, a maioria dos oprimidos tende a converter-se em opressores, umavez que não atuam diferentemente porque “têm medo da liberdade”. Desta maneira, as mesmas massas exploradas acostumam-se a ajudar a assegurar a perpetuação do sistema. Disse Gerace:⁷⁵

74. Paulo Freire, *Pedagogy of the Oppressed* (New York: Herder & Herder, 1970).

75. F. Gerace, n. 57, p. 66.

A pior opressão é a que toma conta da alma do homem, convertendo-o na sombra do seu opressor.

Assim, Freire⁷⁶ adverte: “Nenhuma pedagogia verdadeiramente libertadora pode permanecer distante dos oprimidos, tratando-os como desafortunados e *oferecendo-lhes modelos forjados pelos opressores*. Os oprimidos devem ser seus próprios exemplos na luta pela redenção”.

Como se propaga a “verdade”?

Por detrás da “educação bancária” esconde-se — afirma Pinto⁷⁷ — uma teoria do conhecimento que define a relação existente entre um sujeito que sabe e uma realidade-objeto que se conhece. Essa realidade é entendida como algo estático e acabado. E ambos, o sujeito que sabe e o objeto conhecido, consideram-se entidades metafísicas e também unidades fixas e precisas. Por essa razão, a relação sujeito-objeto torna-se extremamente penosa. É difícil que o sujeito compreenda o objeto. Se, por fim, consegue compreendê-lo, o que surge é uma relação de propriedade entre eles. Entra aqui — acrescenta Pinto — a noção da “verdade” como posse do sujeito. O sujeito procura, então, impor sua visão da realidade como definitiva e, portanto, acima de qualquer dúvida, crítica ou desafio. E conclui⁷⁸:

Gera-se, então, entre o educador e o aprendiz, uma relação social totalmente vertical: o educador-sujeito, possuidor da verdade absoluta, deposita-a na inteligência do aprendiz, que a recebe passivamente (memorizando-a)... E esta verticalidade estabelece a dominação intelectual do educador sobre o aprendiz, apoiada por um sistema de sanções disciplinadoras de tal maneira que a verdade acaba sempre sendo aceita sem contestação.

Domesticação em vez de libertação

Freire sente que uma relação tão autoritária como essa manipula as pessoas, tratando-as como animais ou coisas. Não obstante a possibilidade de se disfarçar tudo isso com métodos de ensino aparentemente sadios, constitui uma ofensa à dignidade humana e à liberdade. Tal “domesticação” só é possível porque o professor,

76. P. Freire, n. 74, p. 39.

77. Joao Bosco Pinto, Subdesarrollo, Medios de Educación de Masa y Educación, Curso Regional Andino sobre Educación Campesina Extraescolar. Bogotá, Colombia: Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas de la OEA, Marzo 6-Abril 14, 1972).

78. *Ibid.*, p. 14.

em vez de ajudar o estudante a desmistificar a realidade, contribui para sua maior mistificação. Assim, não se permite ao estudante descobrir que a cultura é superior à natureza, que o homem é um ser histórico capaz de transformar a sua realidade física e social constantemente, e que os oprimidos, mais do que aceitar essa realidade de modo fatalista, são capazes de se libertar dela e construir uma realidade diferente. Para manter a sociedade como é, evitando-se qualquer exame crítico da mesma, o professor jamais entra em comunicação real com os estudantes; impõe-lhes simplesmente seus “comunicados”, impedindo que venham desenvolver uma consciência da realidade. Tudo isto porque a genuína comunicação — entendida como diálogo dirigido a compartilhar ativamente experiências e a reconstruir a realidade conjuntamente — privaria esse professor de sua poderosa vantagem: a manipulação. Freire afirma: ⁷⁸

É por isso que, para nós, a educação enquanto prática da liberdade não é a transferência ou transmissão de sabedoria ou cultura, não é a extensão do conhecimento técnico, não é o ato de depositar informações ou fatos nos aprendizes, não é a “perpetuação dos valores de determinada cultura”, não é “o esforço de adaptação do aprendiz ao meio”.

Além de *submissão* e *passividade*, outra consequência da educação de tipo “bancário” é a *falta de criatividade*. Privada de raciocínio crítico, a pessoa fica inibida para desenvolver a imaginação; sua consciência sobre a natureza e a existência social permanece ingênua e às vezes mágica, como preferem os que mandam. Propicia-se, desta maneira, também, o individualismo egoísta e a competição entre os oprimidos mais do que a solidariedade e a cooperação. A sociedade permanece narcotizada a serviço dos propósitos das minorias que controlam a educação e a comunicação.

Meios de comunicação: agentes de subjugação

Para Freire os meios de comunicação de massa são propagadores dos mitos, normas e valores das minorias oligárquicas e, como tais, instrumentos da comunicação vertical e alienante, encarregados de auxiliar na subjugação dos oprimidos. E ao se referir ao formato da educação interpessoal do adulto, conhecida como “extensão agrícola”, estabelecida na América Latina com a ajuda dos Estados Unidos, Freire a atacou como contrária à verdadeira comunicação, uma vez que educar não significa estender algo a partir da “sede da sabedoria” à “sede da ignorância”.

“Para nós” — afirmou o pensador brasileiro — “educação como prática da liberdade é, acima de tudo, uma situação verdadeiramente gnoseológica, na qual o ato de saber não termina no

objeto a ser conhecido, posto que entra em comunicação com outros sujeitos que também podem ser conhecidos".⁷⁹

No caminho da comunicação democrática

Com poucas exceções, as primeiras críticas à noção de comunicação não mostraram suficiente profundidade para chegar às raízes do que examinavam: a economia e a política, o jogo do poder. C. Wright Mills⁸⁰ foi uma dessas exceções ao denunciar os meios de comunicação de massa como promotores do "analfabetismo psicológico" entre as massas, e de favorecer a hegemonia das "elites de poder". Rogers⁸¹ denunciou recentemente que "...os modelos lineares envolvem uma visão autocrática, unilateral das relações humanas" e classificou o modelo clássico como "paradigma passageiro". E o próprio professor Lasswell, ao prognosticar em 1972 o futuro do mundo da comunicação em relação com o desenvolvimento das nações, chegou a antecipar dois paradigmas contrastantes. Rotulou de "modelo oligárquico" o que serve aos propósitos dos centros de poder transnacionais: "Ao lutar pela consolidação de uma ordem pública mundial oligárquica, os instrumentos da comunicação são empregados para doutrinar e distrair". O alternativo seria o "modelo participatório" no qual "...os meios de comunicação de massa proporcionam oportunidades de atenção que geram e reeditam planos comuns do presente e do futuro do homem, e fortalecem o sentido universal e diferenciado de identidade e interesse comuns".⁸²

Mas foram principalmente os perfis latino-americanos que desvendaram as raízes do paradigma clássico de transmissão/persuasão em favor da permanência do *status quo*: *a natureza antidemocrática das relações sociais dentro das nações e entre elas*. Na verdade, quase todas as críticas latino-americanas condensam-se muito bem na expressão, "comunicação vertical"; isto é, de cima para baixo,

79. Paulo Freire, *¿Extensión o Comunicación?* (Santiago de Chile: ICIRA, 1969), p. 59.

80. C. Wright Mills, *The Power Elite* (New York: Oxford University Press, 1956).

81. Everett M. Rogers, "Social Structure and Communication Strategies in Rural Development," in Cornell-CIAT International Symposium on Communication Strategies for Rural Development, Cali., Columbia: March 17-22, 1974; proceedings (Ithaca, N. Y.: Cornell University, 1974), pp. 51-52.

82. Harold D. Lasswell, *The Future of World Communication: Quality and Style of Life*, EWCI Lecture in International Communication. Honolulu: East-West Communication Institute, East-West Center, September 1972, pp. 16-17.

dominante, impositiva, monológica e manipuladora; em suma, *não-democrática*.

Assim percebida, a comunicação não é questão técnica a ser tratada de forma asséptica, fora da estrutura econômica, política e cultural da sociedade. Trata-se de uma questão política amplamente determinada por essa estrutura e que, por sua vez, contribui para a sua continuidade. Assim, a busca da saída para essa situação dirige-se à mudança da comunicação vertical/antidemocrática para a horizontal/democrática. Essa procura começou agora, em vários lugares, por meio de esforços que variam em seu raio de ação e enfoque, embora coincidam no propósito: democratizar a comunicação tanto no conceito como na prática.

Avanços teóricos e práticos

E diversos lugares do mundo, mas especialmente nos países menos desenvolvidos e muito particularmente nos da América Latina, estão em experiência tecnologias de comunicação horizontal. São procedimentos de comunicação face a face, tais como a "conscientização" de Freire, combinações especiais de meios de comunicação de massa com técnicas de dinâmica de grupo ou formas de comunicação grupal, ao lado do uso de modernos instrumentos audiovisuais. No Peru, por exemplo, estão sendo postas em prática unidades móveis de vídeo-teipe para educação rural não formal, com métodos que proporcionam aos camponeses a oportunidade de ser não apenas receptores mas também emissores das mensagens.^{84, 85} Ainda nesse país, grande esforço com meios simples, como periódicos comunitários e sistemas de alto-falantes, está convertendo favelados em comunicadores ativos e autônomos.⁸⁶ No Uruguai, o sistema de audiocassetes com dispositivos para gravação permite a muitos granjeiros participação em telefonos de nível nacional com conteúdo predeterminado.⁸⁷ A UNESCO patrocina estudos, bibliografias e

83. L. S. Harms and J. Richstad, n. 35.

84. Manuel Calvelo Ríos, *Tecnología de Capacitación Masiva Audiovisual: Un Caso de Aplicación a la Capacitación Campesina*, Documento presentado al Primer Seminario Latinoamericano de Comunicación Participatoria, Quito, Ecuador: CIESPAL, Noviembre de 1978.

85. Manuel Calvelo Ríos, "Mass Communication Technology: A Case Study in Training Campesinos," *Development Communication Report*, N.º 25 (January 1979), p. 4.

86. María C. Mata, Dora Montesinos Mertz, y Graciela Solezzi, *Evaluación del Centro de Comunicación Popular de Villa El Salvador* (Lima: Centro de Teleducación, Universidad Católica del Perú, 1976).

87. Mario Kaplun, *Cassette-Foro: Un Sistema de Comunicación Participatoria*. Documento presentado al Primer Seminario Latinoamericano de Comunicación Participatoria, Quito: CIESPAL, Noviembre de 1978.

publicações neste campo de tecnologias da comunicação com o uso de minimeios ou de intermeios. Recentemente houve reuniões internacionais voltadas inteiramente à "comunicação participatória" na Iugoslávia e no Equador.^{88, 89}

Vários autores estão contribuindo para a reformulação do conceito de comunicação. Poucos, entretanto, se têm concentrado suficientemente nesta tarefa para chegar à criação sistemática de modelos de comunicação democrática. Já em 1967, Moles⁹⁰ havia oferecido a noção do "ciclo cultural" com "criador", "micro-meios", "meios massivos" e "macro-meios". Em 1970, Schaeffer⁹¹ propôs "o triângulo da comunicação" com o "mediador" no centro. Ao mesmo tempo, Williams⁹² instava os pesquisadores ao estudo da comunicação enquanto fenômeno relacionado com "transação".

No começo da presente década, Johannesen⁹³ produziu um valioso resumo analítico das conceitualizações de "comunicação como diálogo". Ao analisar criticamente a comunicação em sua relação com a "cultura de massa", Pasquali⁹⁴ sugeriu algumas bases para o pensamento a respeito da comunicação horizontal.

Díaz Bordenave⁹⁵ avaliou de certo modo a evolução inicial do conceito de comunicação na direção do modelo democrático, que recebera grande estímulo do pensamento de Freire. Em seguida, Cloutier⁹⁶ formulou o *esquema de EMIREC*, que procurou reunir o emissor com o receptor. E sendo mais específico que Freire na formulação da sua *Educação para a liberdade*, ao mesmo tempo em que capitalizava as experiências pioneiras da Bolívia e do Peru, Gerace⁹⁷ explorou ainda mais a natureza da "comunicação horizontal", enquanto Gutierrez⁹⁸ escrevia sobre a noção de "linguagem

88. Frank Gerace, *Cinco Experiencias de Comunicación Participatoria*. Documento presentado al Primer Seminario Latinoamericano de Comunicación Participatoria, Quito: CIESPAL, Noviembre de 1978.

89. Colin Fraser, *Technology for Participatory Communication*. Document submitted to the First Latin American Seminar on Participatory Communication, Quito: CIESPAL, November, 1978.

90. Abraham Moles, *Sociodynamique de la Culture* (Paris: 1967).

91. P. Schaeffer, *Machines á Communiques* (Paris, Seuil, 1970).

92. Keneth R. Williams, "Speech Communication Research: One World or Two?" *Central State Speech Journal*, Vol. 21 (Fall 1970), pp. 176-178.

93. R. L. Johannesen, n. 63.

94. A. Pasquali, n. 67.

95. Juan Díaz Bordenave, *New Approaches to Communication Training for Developing Countries*. Paper presented at the Section of Information and Communication Problems in Development at the Third World Congress of Rural Sociology, Baton Rouge, Lousiana: August 21-27, 1972.

96. Jean Cloutier, *La Communication Audio-Scripto-Visuelle* (Montreal: Presses Universitaires, 1973).

97. F. Gerace, n. 57.

98. Francisco Gutierrez, *El Lenguaje Total: Una Pedagogía de los Medios de Comunicación* (Buenos Aires: Editorial Humanitas, 1973).

total". Quase invariavelmente, com estes e outros trabalhos semelhantes, deu-se ao diálogo importância enquanto agente crucial da comunicação democrática, embora talvez não se tenha tratado da sua natureza nos pormenores.

Uma proposta metódica mais recente é a de Fernando Reyes Matta⁹⁹, que desenvolve com grande precisão um *modelo macro-operativo de comunicação com participação social ativa*. Mais do que procurar redefinir explicitamente a comunicação, este analista latino-americano propôs um modelo amplo e pragmático de organização institucional que pudesse tornar viável a comunicação horizontal. Embora conceitos como "direitos de comunicação", "acesso" e "participação" não tenham sido suficientemente definidos, Reyes Matta procurou utilizá-los de maneiras inter-relacionadas. Outras contribuições recentes à tarefa de conceituar a comunicação horizontal são as de Azcueta,¹⁰⁰ Díaz Bordenave,¹⁰¹ Jout^{102, 103} e Pinto,¹⁰⁴ CIESPAL¹⁰⁵ publicou um relatório preliminar de sua reunião de 1978 em Quito sobre comunicação participatória.

-
99. Fernando Reyes Matta, *From Right to Praxis: A Model of Communications with Active Social Participation*. Paper prepared to be presented to the Seminar on International Communications and Third World Participation: A Conceptual and Practical Framework, Amsterdam: September 5-8, 1977.
 100. Miguel Azcueta, *Comunicación de Masas y Cultura Popular*. Documento presentado al Primer Seminario Latinoamericano de Comunicación Cooperativa. Garanhuns, Brasil: Septiembre 17-23, 1978.
 101. Juan Díaz Bordenave, *Aspectos Políticos e Implicaciones Políticas de la Comunicación Participatoria*. Documento presentado al Primer Seminario Latinoamericano de Comunicación Participatoria, Quito: CIESPAL, Noviembre de 1978.
 102. Josiane Josuet, *Community Media and Development: Problems of Adaptation*. Working paper prepared for UNESCO's Meeting on Self-Management, Access, and Participation in Communication, Belgrade: October 18-21, 1977.
 103. Josiane Joet, *Participatory Communication in the Third World: A Critical Outlook*. Paper presented at the First Latin American Seminar on Participatory Communication, Quito: CIESPAL, November, 1978.
 104. João Bosco Pinto, *La Comunicación Participatoria como Pedagogía del Cambio: Fundamentos Epistemológicos*. Documento presentado al Primer Seminario Latinoamericano de Comunicación Participatoria, Quito: Noviembre de 1978.
 105. CIESPAL, *Informe Preliminar de los Grupos de Trabajo, Primer Seminario Latinoamericano de Comunicación Participatoria*, Quito: Noviembre de 1978.

Finalmente, dois pesquisadores norte-americanos, L. S. Harms^{106, 107} e Jim Richstad¹⁰⁸, realizaram pioneiramente esforços sistematizados para inter-relacionar as noções de “direitos de comunicação”, “recursos” e “necessidades”. Formularam o “modelo de intercâmbio em comunicação humana” que, apesar de certas limitações, como por exemplo a da sua natureza didática, oferece uma compreensão democratizante e mostra considerável poder de ajuda à interpretação dos fatos. Este modelo não procurou integrar os direitos de comunicação-necessidades-recursos com o acesso-diálogo-participação em comunicação. E nem o modelo de Reyes Matta nem o de Harms e Richstad trataram especificamente de finalidades da comunicação como a persuasão.

Natureza de comunicação horizontal

À luz das críticas examinadas, das propostas inovadoras que acabamos de resumir e de outras considerações relacionadas, propomos agora para discussão e definição seguinte:¹⁰⁹

Comunicação é o processo de interação social democrática baseado no intercâmbio de símbolos mediante os quais os seres humanos compartilham voluntariamente suas experiências sob condições de acesso livre e igualitário, diálogo e participação. Todos têm direito à comunicação com o propósito de satisfazer suas necessidades de comunicação por meio da utilização dos recursos da comunicação.¹¹⁰

Os seres humanos comunicam-se com múltiplos propósitos. O principal não é o exercício de influência sobre o comportamento dos outros.

Múltiplas finalidades da comunicação

Acesso

Diálogo

Participação

COMUNICADORES

COMUNICADORES

Direitos de comunicação, necessidades, recursos

-
106. L. S. Harms, To Achieve the Right to Communicate, *Issues in Communication*, 2:55-60, 1978 (London: International Institute of Communications.)
107. L. S. Harms and J. Richstad, n. 35.
108. L. S. Harms, Towards a Shared Paradigm for Communication: An Emerging Foundation for the New Communication Policy and Communication Planning Sciences. In Syed A. Rahim and John Middleton (eds.), *Perspectives in Communication Policy and Planning*, (Honolulu: East-West Communication Institute, 1977), pp. 77-79.
109. UNESCO, Reunión sobre la Autogestión, el Acceso y la Participación en Material de Comunicación; informe final, Belgrado: Octubre 18-21, 1977.
110. L. S. Harms, n. 100.

Acesso é o exercício efetivo do direito de receber mensagens.
Diálogo é o exercício efetivo do direito de receber e ao mesmo tempo emitir mensagens.

Participação é o exercício do direito de emitir mensagens.

Direito à comunicação é o direito natural de todo ser humano de emitir e receber mensagens, ao mesmo tempo e intermitentemente.

Necessidade de comunicação é tanto uma exigência natural individual quanto um requisito da existência social sobre o uso dos recursos da comunicação com a finalidade de compartilhar as experiências por meio da interação mediada por símbolos.

Recurso da comunicação é qualquer elemento de energia/matéria — cognoscivo, afetivo ou físico — capaz de ser usado para possibilitar o intercâmbio de símbolos entre os seres humanos.

Liberdade é um conceito relativo. Liberdade absoluta não é desejável nem viável. A liberdade de qualquer indivíduo limita-se pela dos outros e essa restrição resulta de acordos de responsabilidade social a serviço do bem comum. A liberdade em qualquer sociedade condiciona-se também à liberdade das demais sociedades.

Igualitarismo é um conceito relativo. Absoluta igualdade não é possível. Não se consegue total simetria na distribuição de oportunidades para emissor e receber mensagens. Oportunidades comparáveis tornam-se possíveis na medida em que também se torne possível a expansão das oportunidades de recepção e a redução significativa da concentração das oportunidades de emissão. Busca-se, então, um justo equilíbrio de proporções e não equivalência matemática.

O exercício de influência sobre o comportamento é um propósito lícito, desde que sob condições que não sejam unilaterais, autoritárias ou manipuladoras. Isto é, a *persuasão*, quando pelo menos potencialmente mútua, procurando respeitar a dignidade humana, não precisa ser descartada dentre os propósitos da comunicação. Mas assim mesmo deve ser considerada apenas uma entre as inúmeras e variadas metas da comunicação e *não a mais importante*.

Algumas considerações operacionais

- O processo livre e igualitário da comunicação acesso-diálogo-participação faz-se sobre a estrutura da comunicação direitos-necessidades-recursos e se dirige à realização de propósitos múltiplos.
- O acesso é a pré-condição da comunicação horizontal. Pois sem que as pessoas tenham oportunidades semelhantes para a recepção de mensagens, não pode haver interação social democrática.
- O diálogo é o eixo da comunicação horizontal porque, se o objetivo é a genuína interação democrática, todas as pessoas deveriam ter oportunidades semelhantes para emitir e receber mensagens com o propósito de se evitar o monopólio da palavra no monólogo.

Dado que, sob tal perspectiva, estes papéis opostos são incluídos num constante desempenho dual, em que *todos* os participantes no processo da comunicação devessem identificar-se como “comunicadores”, segundo a correta proposta de Harms Richstad. Dessa maneira, torna-se inadequada a diferença que se costumava fazer entre as duas opções separadas, “fonte” e “receptor”.

A convicção de que o diálogo — conversação — situa-se no coração da verdadeira comunicação humana é sustentada não apenas por educadores como Freire. Um filósofo como Buber¹¹¹ é seu grande defensor. E também psiquiatras e psicólogos como Carl Rogers¹¹² e Eric Fromm¹¹³. O diálogo possibilita a existência de ambientes culturais favoráveis à liberdade e à criatividade do tipo que se julga mais conducente ao desenvolvimento total da inteligência, segundo a opinião do biólogo Jean Piaget.¹¹⁴

- A participação é a culminação da comunicação horizontal porque, sem oportunidades semelhantes para todas as pessoas de emitir mensagens, o processo continuaria a ser governado pela minoria.

- Da perspectiva da viabilidade prática, acesso-diálogo-participação constituiria uma seqüência probabilista. Isto é, em termos de grau de dificuldade de alcance, acesso situa-se em nível baixo, diálogo em nível médio, e participação em nível alto. Considera-se mais fácil a obtenção de mensagens por maior número de pessoas do que a criação de circunstâncias que possibilitem diálogo; esta, por sua vez, seria mais exequível do que a conversão de cada pessoa em importante emissor.

- Acesso é assunto essencialmente quantitativo. Diálogo, eminentemente quantitativo, e participação, qualitativa/quantitativa.

- Acesso, diálogo e participação são elementos-chave no processo sistemático da comunicação horizontal. São interdependentes, isto é, (a) maior acesso, maior probabilidade de diálogo e de participação; (b) maior diálogo, maior e melhor utilidade do acesso e maior impacto da participação; e (c) maior e melhor participação, maior probabilidade de ocorrência de diálogo e de acesso. Juntos, maior acesso, diálogo e participação, melhor satisfação da necessidade de comunicação, mais efetivos os direitos da comunicação, e maior e melhor utilização dos recursos da comunicação.

- A auto-administração, ilustrada pela notável experiência da Iugoslávia com as empresas de comunicação que não são nem privadas nem governamentais, mas comunitárias, é considerada a mais

111. Martin Buber, *I and Thou* (New York: Scribner's, 1958).

112. Carl Rogers, *Freedom to Learn* (Columbus: Charles Merrill, 1969).

113. Eric Fromm, *The Art of Loving* (New York: Harper, 1956).

114. Jean Piaget, *Seis Estudos de Psicologia* (Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961).

avançada forma de participação total, posto que permite aos cidadãos decidir sobre políticas, planos e ações.¹¹⁵

● A retroalimentação é uma feição importantíssima do diálogo quando operada de modo multidirecional equilibrado, por meio da qual todas as pessoas, e cada uma em particular, envolvidas numa situação de comunicação dela participam em proporções comparáveis, tanto na qualidade de emissores como de receptores. A retroalimentação, quando unidirecional, contraria o diálogo, posto que estaria a serviço da dependência e não da interdependência equilibrada.

● A prática da comunicação horizontal é mais viável no caso de modelos interpessoais (individuais e em grupo) do que no caso dos modelos impessoais (massas). Óbvio explicação técnica para esse fato é a dificuldade intrínseca de se alcançar retroalimentação na comunicação de massa. Mas a explicação principal é política: é que os meios de comunicação de massa, em sua maioria, são instrumentos viciados das forças conservadoras e mercantilistas utilizados para controlar os meios de produção nacional e internacionalmente.

Uma palavra de cautela e outra de esperança

Restrições são indispensáveis. A comunicação horizontal é, conceitualmente, exatamente oposta à comunicação vertical. Mas, na realidade, a primeira não deveria ser considerada substituta da segunda, a não ser sob determinadas circunstâncias. Sob outras circunstâncias, poderia ser até mesmo uma alternativa coexistente. Como entende Buber,¹¹⁶ o diálogo nem sempre é possível e, poder-se-ia acrescentar, o monólogo nem sempre é evitável, sendo até mesmo necessário, algumas vezes, dependendo de diversos propósitos e circunstâncias. Esses dois elementos, segundo Johannesen,¹¹⁷ poderiam ser vistos como os dois extremos de uma linha contínua. Idealmente, todas as formas de comunicação deveriam ser horizontais. Na prática esse ideal nem sempre é possível e talvez nem sempre seja desejável. Assim, quando a comunicação vertical tiver que permanecer ainda em cena, não deveria de forma alguma ser exercida de maneira manipuladora, enganadora, exploradora e coercitiva.

Ao encerrar a apresentação deste conjunto preliminar de proposições esquemáticas sobre comunicação horizontal (poderíamos chamá-lo, em resumo, modelo "horicon"), esperamos — parafraseando Lasswell trinta anos depois — que esta acabe sendo também "uma forma conveniente de descrever comunicação".

115. UNESCO, n. 109.

116. Martin Buber, *Between Man and Man* (New York: Macmillan, 1965).

117. R. L. Johannesen, n. 63, p. 379.

Luis Ramiro Beltrán é um especialista boliviano em comunicação para o desenvolvimento, tendo se doutorado na Universidade Estadual de Michigan, Estados Unidos. É vice-presidente da Associação Internacional para Pesquisas em Comunicação de Massa, conselheiro do Instituto Internacional de Comunicação e jornalista. O presente ensaio foi preparado para a Comissão Internacional de Estudos dos Problemas da Comunicação, da UNESCO — (Comissão Mac Bride) —, e publicado agora em português com a permissão do autor.